

A sílaba e a composicionalidade em emakhuwa (P31): análise de empréstimos do português

Francelino Wilson¹, Vasco Magona², Felermينو Ali³

¹Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades – Universidade Púnguè
Chimoio, Moçambique

²Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Universidade Eduardo Mondlane
Maputo, Moçambique

³Departamento de Engenharia da Computação – Universidade Lúrio
Pemba, Moçambique

fradwilson2@gmail.com, vasco.sande@uem.mz,
felermينو.ali@unilurio.ac.mz

Abstract. *The syllabic model of Emakhuwa (P31) appears to differ from that of Portuguese, although they have in common the structure most attested in natural languages, i.e., CV. Based on this premise, it is interesting to carry out a contrastive analysis of the two languages, with the syllable as the scope of the study, to understand the compositionality in Emakhuwa. From the evaluation of unusual structures in the language, essentially formed by consonant and vowel sequences, in Portuguese nominal loans, it is concluded that emakhuwa is based on the canonical model of the CV syllable, although in specific situations the syllables of the V, N, VV and CVV types. The CV(V)C syllable format occurs only in some cases of structures borrowed from Portuguese.*

Resumo. *O(s) modelo(s) silábico(s) do emakhuwa (P31) parece diferir(em) da língua portuguesa, embora tenham em comum a estrutura mais atestada nas línguas naturais, i.e., CV. Partindo desta premissa, mostra-se interessante proceder a análise contrastiva das duas línguas, tendo como escopo do estudo a sílaba, para entender a composicionalidade em emakhuwa. Da avaliação de estruturas pouco comuns na língua, essencialmente formadas por sequências consonantais e vocálicas, em empréstimos nominais do português, conclui-se que o emakhuwa pauta pelo modelo canónico da sílaba CV, embora em situações pontuais possam ocorrer na língua outros tipos de sílabas, a exemplo de V, N, VV e CVV. Entretanto, o formato CV(V)C ocorre apenas em alguns casos de estruturas emprestadas do português.*

1. Introdução

A sílaba (σ) é um dos constituintes prosódicos que confere a composicionalidade às línguas naturais, a par do tom e do acento (Hyman & Mtenje, 1999; Mateus et al., 2003). O papel central deste elemento prosódico evidencia-se na cadeia de fala, disposta sob *continuum*, podendo abarcar mais de um segmento, situando-se, assim, acima deste (Andrade, 2020; Baylon & Fabre, 1979; Malmberg, 1993; Ngunga, 2014). Prova isso, a aquisição da linguagem pela criança, feita de combinação de sílabas, a partir da fase de

balbucio, para a formação das primeiras palavras, como *ba.ba* ou *pa.pa*, *ma.ma*; idem, a aprendizagem da leitura, que se mostra frutífera, para muitas crianças, pelo método silábico (ou da silabação) (Hachette, 1967 *apud* Genouvrier & Peytard, 1974:82).

O estudo da sílaba (ou da silabação) parece contribuir para: *a.* a compreensão da composicionalidade em emakhuwa (P31, na classificação de Guthrie, 1967-71); *b.* a fixação do padrão ortográfico de línguas com um histórico recente de gramaticalização ou normalização linguística, a exemplo do idioma objeto de análise; e *c.* a aplicação deste conhecimento em processamento da linguagem natural, objetivos que nos propomos alcançar com este trabalho. Na generalidade, pretende-se responder à questão segundo a qual: as palavras emprestadas do português (essencialmente constituídas por nomes) sujeitam-se às condições restritivas do emakhuwa, à luz dos modelos silábicos admissíveis na língua? De antemão, procura-se provar a hipótese segundo a qual só são aceites na língua de chegada as palavras que se sujeitam às condições de boa-formação nela impostas, a exemplo dos padrões silábicos reconhecidos.

A perspetiva teórica que se oferece à discussão que se segue obedece à Teoria da Otimalidade (Abaurre, 1999; McCarthy, 1993; Prince & Smolensky, 1993; Yip, 1993), por se mostrar orientada para a identificação de restrições que regulam a boa-formação das representações. Do mesmo modo, a OT mostra-se eficaz para o estudo dos empréstimos, uma vez constituídos de palavras que se movem junto de condições de boa-formação e restrições impostas pela língua de chegada (Yip, 1993), no processo de escolha do candidato ótimo. Como tal, o modelo faz-se valer de propriedades como a violabilidade, a hierarquia, a inclusividade e o paralelismo (Abaurre, 1999; McCarthy, 1993; Prince & Smolensky, 1993), tendo como vantagens a economia descritiva, a universalidade e a uniformidade de análise (Abaurre, 1999; Collischonn & Schwindt, 2003).

A análise assenta em pouco mais de duzentos étimos nominais do português encontrados no emakhuwa, línguas em contato desde o século XV (Hagemeijer, 2016; Mota & Bacelar do Nascimento, 2001). A recolha do material empírico foi feita manualmente por sete tradutores, naturais da província de Nampula, em Moçambique, falantes natos da língua makhuwa, com formação em ensino de línguas de substrato Bantu. A cada participante do estudo foi designado um conjunto de textos contendo notícias do jornal VOA, redigidos em português, sobre vários domínios, incluindo saúde, sociedade, cultura, desporto e política. Uma vez traduzidos para emakhuwa, estes textos foram carregados na ferramenta ‘CAT Matecat’ (Federico et al., 2014) que segmenta os enunciados em pequenas unidades linguísticas, em documento respetivo. Após a conclusão da tradução, os profissionais foram instruídos a registrar as palavras emprestadas do português, obviamente sujeitas à adaptação fonético-fonológica, morfológica e semântica.

Emakhuwa é a língua amplamente falada em Moçambique, por ¼ de pouco mais de 30 milhões da população moçambicana com cinco ou mais anos de idade (INE, 2019, 2023), com o estatuto de língua materna e franca em algumas regiões do Norte do país (Lindonde, 2021). É igualmente falada no Malawi e na República Unida da Tanzânia (Bernardo, 2017; Kisseberth, 2003; Kisseberth & Cassimjee, 2009), idem em comunidades da África do Sul, Madagáscar, Ilhas Comores, Seychelles, Maurícias e Zanzibar (Kröger, 2005). Dada a extensão territorial por onde é falada, é marcada por contatos com outras línguas, dando lugar a línguas ou dialetos mistos, a exemplo de

echuwabo, ekoti e esangaji (Kisseberth, 2003; Kisseberth & Guérois, 2014). É também expectante que seja caracterizada por diversos fenómenos derivados do contato, entre os quais, os empréstimos lexicais.

Após o lançamento do escopo, da definição dos objetivos, da pergunta de partida, da hipótese, da perspetiva teórica, da caracterização dos dados e da rápida sociolinguística do emakhuwa, segue-se, em 2, um breve aporte teórico; a discussão de resultados e conclusões preliminares constam da seção 3.

2. Breve discussão contrastiva da sílaba em emakhuwa

É consensual afirmar-se que as unidades fonológicas significativas do emakhuwa incluem 10 vogais, entre breves (/a e i o u/) e longas (/aa ee ii oo uu/) (Centis, 1985; Kröger, 2006; Ngunga et al., 2022; Victorino, 1995), e um total de 25 consoantes contrastivas (Ngunga et al., 2022), entre elas, as semivogais (cf. tabela 1), sujeitas a fenómenos de modificação, cujos exemplos podem ser vistos na literatura de referência. O alongamento que se faz das vogais serve para expressar a duração que estas estão sujeitas, um aspeto contrastivo na língua (Mtenje, 2007; Ngunga, 2014; Victorino, 1995) e com implicações a nível da sílaba.

Tabela 1. Consoantes do emakhuwa

Modo/Lugar	Labial	Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Lábio-velar	Velar	Glotal
Oclusiva	plena	p	t		tt	c		k
	aspirada	ph	th		tth	*(ch)		kh
Fricativa	f v		s *(z)		x			h
Nasal	m		n		ny		*(ng)	
Lateral			l		ly			
Vibrante			r					
Semivogal					y	w		

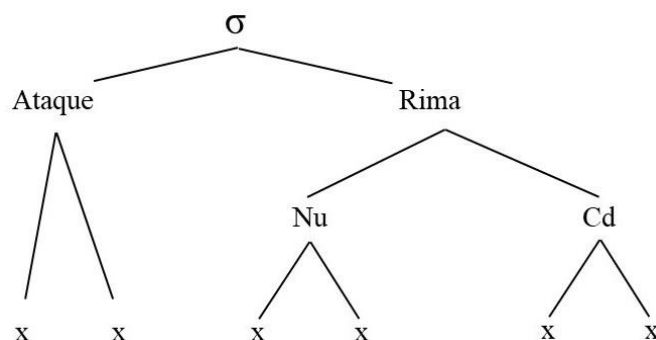
Fonte: (Ngunga et al., 2022:105)

* Assinala consoantes assumidas como marginais na língua

Para a conceituação da sílaba faz-se necessário conhecer algumas “regras” (ou construtos) de base, tais como a hierarquia prosódica, a condição de dissimilaridade e os princípios de licenciamento e sequenciamento prosódicos (Freitas & Santos, 2009; Mateus et al., 2003; Schwindt, 2024; Veloso, 2006), que constituem restrições para a boa-formação deste constituinte prosódico. Na generalidade, dada a limitação de espaço disponível nesta publicação, cada um destes princípios/regras concorre para à formação de unidades silábicas aceitáveis em cada uma das línguas naturais, cujo desvio sugere, no mínimo, estruturas emprestadas de outros idiomas nalguma fase de desenvolvimento da língua de chegada (Veloso, 2006; Vigário et al., 2006).

A natureza suprasegmental da sílaba, que possibilita a articulação de vários elementos na sua origem, faz dela um constituinte fonológico complexo (Andrade & D’Andrade, 2020; Blevins, 1995; Mateus & D’Andrade, 2000; Ngunga, 2014). Do conhecimento reunido até então, fazem parte da estrutura silábica o núcleo (Nu) e as margens pré-nuclear e pós-nuclear, formadas por consoante ou conjunto de consoantes simples ou modificada(s) (Kindell, 1981 *apud* Ngunga, 2014:90), também designadas, respetivamente, ataque (A) e coda (Cd) (cf. figura 1) (e. o., Blevins, 1995; van der Hulst & Smith, 1982).

Figura 1. Modelo hierárquico da estrutura da sílaba



Fonte: Adaptado de (Blevins, 1995; van der Hulst & Smith, 1982)

Desta forma, depreende-se que a sílaba é uma estrutura hierarquicamente organizada em constituintes silábicos que, de acordo com as propostas contemporâneas (Andrade & D’Andrade, 2020; Freitas & Santos, 2009; Schwindt, 2024), apresentam, no máximo, duas posições internas, designadamente, *i.* a sílaba, ramificada em Ataque e Rima; e *ii.* a Rima, ramificada em Núcleo e Coda. Entretanto, cada constituinte está associado a um mínimo de uma e a um máximo de duas posições rítmicas, quando ramificado, no nível do esqueleto (x). Deve-se acrescentar que, cada posição rítmica, no esqueleto (x), pode ou não estar associada a material segmental, i.e., diz-se vazio (ø), quando não se encontra preenchido com material linguístico.

São hoje conhecidos vários modelos silábicos, que se atualizam de língua para língua, ocasionando pelo menos 10 possibilidades, na generalidade, de V a CVCCC (Blevins, 1995). Em português, por exemplo, são conhecidos 14 padrões silábicos (Andrade & D’Andrade, 2020); em inglês, 12 (Schwindt, 2024); em hua, apenas um (Blevins, 1995).

As sílabas em emakhuwa são, regra geral, abertas ou livres, i.e., terminadas em vogal, exceto nos casos em que elas são formadas de nasais silábicas (cf. (1)), não se prevendo a ocorrência de codas (Ngunga, 2014).

- (1) **n(i)-lok-o** [n.lo.ko] ‘tribo’
n(i)-rapal-a [n.ra.pa.la] ‘pele’

Os dados em (1) mostram que, “em emakhuwa, quando uma consoante nasal [autônoma] é seguida de um som com função de consoante [ganha] estatuto de sílaba, isto é, [torna-se] uma nasal silábica” (Ngunga et al., 2022:107). Os casos em apreço são resultantes da elisão da vogal /i/ do prefixo *ni-* classe 5, do singular, cujo plural se obtém pela substituição do prefixo *ni-* por *ma-* classe 6 (e.g., *ni-lok-o* > *n’-lok-o* ‘tribo’ vs. *ma-lok-o* ‘tribos’; *ni-rapal-a* > *n’-rapal-a* ‘pele’ vs. *ma-rapal-a* ‘peles’).

Outro formato de sílaba atestado em emakhuwa é o formado por V, sem nenhuma margem, admissível unicamente em início de palavra (cf. (2)), a semelhança da nasal silábica descrita em linhas precedentes (Ngunga, 2014; van der Wal, 2009). É, de resto, um modelo silábico previsto nas línguas de substrato Bantu, não só, idem no português, onde tem a segunda maior frequência – 15,83% (Vigário et al., 2006) –, depois de CV – 46,36% (Vigário et al., 2006) –, o formato *default* em muitas línguas naturais, idem nas línguas Bantu, de que emakhuwa é parte integrante.

Atendendo ao facto de, a nível segmental, as vogais breves possuírem as suas correspondentes longas, em emakhuwa é igualmente admissível a ocorrência de núcleos bimóricos (Hyman, 1985), em início de palavra (cf. (3)) (van der Wal, 2009), contrariamente a outras línguas Bantu, a exemplo de chimpoto (N14) e luganda (E15) (Botne, 2019; Hyman & Katamba, 1999), que não admitem este formato silábico, no contexto referido. Aliás, em chimpoto, por exemplo, os núcleos bimóricos têm motivações morfofonológicas. Como tal, restringem-se a contextos específicos.

- (2) e-hop-a [e.ho.pa] ‘peixe’
 i-hop-a [i.ho.pa] ‘peixes’
 (3) oo-low-a [oo.lo.wa] ‘ele pescou’

Um caso que suscita uma engenhosa divisão silábica prende-se com estruturas envolvendo consoantes geminadas, uma vez catalogadas, em emakhuwa, /tt/ e /tth/, classificadas, respetivamente, como oclusivas retroflexas plena e aspirada (Ngunga et al., 2022; van der Wal, 2009). Em luganda, por exemplo, a estrutura da sílaba bimórica é CVV e CVC_i, onde C_i representa a primeira metade de uma consoante geminada (Hyman & Katamba, 1999), atendendo a possibilidade de portar vogal longa ou consoante geminada, respetivamente. Nesta condição, entende-se que C_i tem valor silábico, uma vez suportar a mora (μ).

Fazendo um paralelismo com o acima exposto, parece admissível, em emakhuwa, a ocorrência de sílabas do tipo CVC_i, quando a primeira metade da consoante geminada se junta a uma combinação CV (cf. (4a, b)); e VC_i, quando C_i se junta a uma ocorrência unária de tipo V, geralmente um prefixo nominal marcador de infinitivo verbal, i.e., um nomino verbal, nomeadamente, o morfema *o-*_{cl.15} (cf. (5a, b)).

- (4) a. o-patt-a [o.pat.ta] ‘acender a luz’
 b. o-patth-a [o.pat.tha] ‘entalhar’ (Prata, 1990)
 (5) a. o-ttek-a [ot.te.ka] ‘obstruir, abrir guarda-chuva’
 b. o-tthek-a [ot.the.ka] ‘ofender, provocar um problema’

(Ngunga et al., 2022:106)

Na senda de vogais alongadas poderem ocupar a posição de núcleo silábico, em emakhuwa, parece que nada obsta à formação de sílabas do tipo CVVC_i (cf. (6)). A admitir esta possibilidade, fica violada a restrição existente em Bantu, segundo a qual, não são admissíveis sílabas de mais que duas moras (e.g., *CVVV) (Hyman & Katamba, 1999; Kisseberth & Cassimjee, 2009). Como este problema, fica por apurar estruturas do tipo VVC_i, não registadas no *corpus* por nós tomado de exemplo.

Outro caso que suscita a discussão tem que ver com o tratamento a dar à consoante geminada /tth/ quando antecedita da nasal silábica /N/, a exemplo do que se apresenta em (7). Para formações iguais, sugerimos o formato de sílaba NC_i, com valor moraico para ambos os segmentos (i.e., μμ), como o que se dá em sílabas do tipo VV e/ou VC_i. De igual maneira, afasta-se a possibilidade de sequências desta natureza formarem ataques complexos, antes, porém, pelo valor moraico já referido, tendem a equivaler a sequências vocálicas admissíveis na língua.

- (6) weett-a [weet.ta] ‘andar’ (Ngunga et al., 2022:110)

(7) n(i)-tthup-i [nt.thu.pi] ‘poeira’ (van der Wal, 2009:17)

Vistas as coisas sob este prisma, contrariamente aos sete tipos de sílabas propostos por van der Wal (2009), passamos a ter um quadro muito mais extenso de ocorrências silábicas em emakhuwa (cf. tabela 2).

Tabela 2. Proposta de modelos silábicos ocorrentes em emakhuwa

	Sílaba	exemplo
1	V	e-hop-a [e.ho.pa] ‘peixe’
2	N	n(i)-ter-e [n.te.re] ‘lábio’
3	CV	o-low-a [o.lo.wa] ‘pescar’
4	VV	oo-low-a [oo.lo.wa] ‘ele pescou’
5	CVV	o-khool-a [o.khoo.la] ‘moer’
6	CVN	e-mank-a [e.man.ka] ‘manga’
7	? CVC	mallim-u [mal.li.mu] ‘professor da madraça’
8	CVC _i	o-patt-a [o.pat.ta] ‘acender a luz’
9	VC _i	o-ttek-a [ot.te.ka] ‘obstruir, abrir guarda-chuva’
10	CVVC _i	weett-a [weet.ta] ‘andar’
11	NC _i	n(i)-tthup-i [nt.thu.pi] ‘poeira’

Fonte: os autores, de várias leituras

Apesar da multiplicidade de modelos silábicos, persistem diferenças notáveis entre o padrão silábico desta língua com o do português. Entre essas diferenças, podem ser referidas, no emakhuwa, diferentemente do português, a impossibilidade de formação de ataques ramificados, a ocorrência de nasais silábicas e a preferência por sílabas abertas (logo, a inexistência de codas). Sobre este último aspeto, em sílabas do tipo CVN, não parece N# tratar-se de coda, antes, porém, um autossegmento flutuante, passível de se associar à V precedente ou à C seguinte para lhe conferir a nasalidade (cf. Anderson, 1976; Júnior, 2022; Moraes & Wetzels, 1992).

3. A sílaba e a composicionalidade em étimos do português

Em Moçambique, falantes que têm uma língua de substrato como L1 usam palavras da sua língua materna Bantu para preencher as lacunas lexicais do português, em domínios como a fauna, a flora, as práticas culturais e/ou servem-se do léxico português no discurso corrente Bantu (Gonçalves, 2012; Machungo, 2022; Mendes, 2012). Diferente da cunhagem de termos, aquele recurso mostra-se economicamente viável, por ser menos dispendioso no labor terminológico, o que aumenta a sua recorrência pelos profissionais da tradução (português-Bantu).

Neste trabalho, que se prevê exploratório, a análise dos dados restringe-se à discussão do padrão silábico do emakhuwa, na condição de língua que define a aceitabilidade das construções provenientes da língua portuguesa. Na impossibilidade de se fazer uma abordagem exaustiva, dada a complexidade do fenómeno prosódico e escassez de espaço, circunscrevemo-nos aos modelos silábicos menos atestados em emakhuwa (cf. tabela 3). Deste modo, as categorias de análise são formadas por étimos nominais do português que contêm sílabas com estruturas envolvendo: *a.* sequência consonantal com grupo próprio, i.e., obstruinte + líquida (em diante, CC); *b.* sequência de obstruinte /f/ + consoante (SC); *c.* sequência de obstruinte /f/ + obstruinte diferente de /f/ + líquida (SCC); *d.* sílaba fechada, i.e., sílaba terminada em coda (CVC); *e.*

sequência de consoantes pertencentes a sílabas distintas (C.C); e, por último, *f*, sequência vocálica (VV).

Tabela 3. Categorias de análise formadas por étimos nominais do português

Categorias de análise	Étimos do português
CC	empresa, príncipe, branca, Brasil, febre, abril, fábrica, outubro, tribunal, drone, África, integridade
SC	Moscovo, pesquisa, ativista, Israel
SCC	Austral, ministro, administração
CVC	Brasil, tribunal, parlamento, partido, pesquisador, palma
C.C	Arquipélago, parlamento, administração, partido, Israel
VV	outubro, Austral, Israel

Fonte: os autores

Apresentadas as categorias de análise, segue-se uma rápida discussão à volta da entrada dos étimos nominais do português no emakhuwa, à luz da OT. Dadas às limitações já referidas, dá-se um caso por cada categoria, conforme os candidatos a *output* e as possíveis restrições, partindo do modelo CC (cf. (8)).

(8)

/ẽprezẽ/	Não ramificação ^{ataque}	Não coda	Harmonia vocálica
a. ẽ.pe.re.zẽ			
b. ẽ.pi.re.zẽ			*
c. ẽ.pre.zẽ	*!		*

Em (8), para a formação do candidato ótimo, não basta que, entre o grupo próprio, se insira uma vogal epentética para se evitar a sequência CC, pouco produtiva nas línguas Bantu. Mas, a vogal inserida tem que se sujeitar à regra de harmonia vocálica (cf. Alves, 2011; Ngunga, 2014), o que faz com que seja preferida /e/, similar às vogais das sílabas vizinhas, em relação a /i/, apontada como canónica no dialeto brasileiro do português (Mateus *et al.*, 2003). A construção em (9), por sua vez, parece sugerir um caso contrário ao aqui descrito.

(9)

/muʃkovu/	Não ramificação ^{ataque}	Não coda	Epêntese
a. muʃ.ko.vu		*	
b. mu.ʃu.ko.vu			*!
c. mu.ʃi.ko.vu			*!

Nesta ocorrência, a inserção de vogal epentética (quer /u/, como /i/) não parece ser a solução para a evitação de encontros SC. Antes, porém, o alongamento da vogal da sílaba portadora de coda se afigura a solução. Esta situação tem como consequência a introdução na língua de um modelo silábico pouco atestado, pelo menos, em emakhuwa, ainda que admissível em empréstimos do português, língua com padrão silábico CVC. Em (10), analisa-se um étimo contendo estruturas do tipo SCC.

(10)

/miniʃtru/	Não ramificação ^{ataque}	Não coda	Epêntese
a. mi.ni.ʃi.tu.ru			*
b. mi.niʃ.tu.ru		*!	*
c. mi.niʃ.tru	*!	*!	

Para este caso, as violações gravosas são as impostas pelas restrições de formação de ataques ramificados e codas silábicas, não preferenciais em emakhuwa. Em consequência, emerge o modelo silábico CV, como o mais atestado, idem na construção em (11), cujo alongamento da vogal da penúltima sílaba, propensa ao alongamento não fonémico, dá lugar ao modelo CVV. Aqui, a vogal epentética convocada para a evitação da formação de codas silábicas é /u/, contrariamente ao esperado pela aplicação da regra de harmonia vocálica.

(11)

/pałme/	Não ramificação ^{ataque}	Não coda	Epêntese
☞ a. paa.lu.mɐ			*
b. pa.la.mɐ			*
c. pał.mɐ		*!	

Em (12), os candidatos a *output* que se mostram violarem restrições não toleráveis na língua de chegada são os que apresentam ataque complexo (cf. (12b)) e coda silábica (cf. (12c)). A inserção da vogal /i/ entre a sequência de consoantes pertencentes a sílabas distintas, i.e., com divisão *heterossilábica* (C.C), pelo contrário, mostra-se uma restrição violável que, por sinal, concorre para a formação de sílabas autónomas (i.e., *heterossilábicas*) de tipo CV.CV, de igual estatuto vocálico. A inserção deste material segmental evita a presença na língua de codas e sequências de CC em posição de ataque. Outra consequência é o aparecimento do modelo silábico do tipo V, em emakhuwa, de resto um figurino atestado na língua.

(12)

/erkipeeɣu/	Não ramificação ^{ataque}	Não coda	Epêntese
☞ a. a.ri.ki.pee.la.ku			*
b. a.rki.pee.la.ku	*!		
c. ar.ki.pee.la.ku		*!	

Como em (12), a presença do modelo silábico de natureza V, em (13), é decorrente da monotongação da primeira sílaba do *input*. Aqui, tanto a inserção de material segmental (cf. (13b)), como a formação de um núcleo ramificado (cf. (13c)), revelam-se estratégias não viáveis em emakhuwa, no contexto em discussão.

(13)

/owtubru/	Não ramificação ^{Nu}	Não coda	Epêntese
☞ a. u.tu.pu.ru			*
b. o.wu.tu.pu.ru			*
c. ow.tu.bru	*!		

Em conclusão, embora preliminar, o emakhuwa parece pautar pelo modelo canónico da sílaba CV, podendo, em situações pontuais, admitir outros formatos, como V, N, VV e CVV. A hipótese levantada na introdução fica grandemente provada, salvo em casos de formação de sílabas do tipo CV(V)C (cf. (9)), forma emprestada do português. Aparentes situações de ocorrência de codas são desfeitas, quer pela atribuição de valor de mora ou autosegmento nasal às consoantes nessa posição, quer por estratégias conducentes à ressilabificação, a exemplo da inserção de material segmental depois de C.

Referências

- Abaurre, M. B. M. (1999). Teoria da otimalidade e fonologias derivacionais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 37, 69–80.
- Alves, M. M. (2011). Harmonia vocálica e redução vocálica à luz da teoria da otimalidade. *Anais Do SILEL*, 2(2), 1–19. <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2512.pdf>
- Anderson, S. R. (1976). Nasal Consonants and the Internal Structure of Segments. *Language*, 52(2), 326–344. <https://doi.org/10.2307/412563>
- Andrade, A. (2020). Vocalismo. In E. B. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Eds.), *Gramática do Português, Vol. III* (pp. 3241–3330). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Andrade, A., & D'Andrade, E. (2020). Sílabas. In E. B. P. Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Eds.), *Gramática do Português, Vol. III* (pp. 3369–3396). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Baylon, C., & Fabre, P. (1979). *Iniciação à Linguística*. Livraria Almedina.
- Bernardo, M. (2017). *Análise Fonológica da Estrutura Verbal do Passado Recente em Emakhuwa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Eduardo Mondlane.
- Blevins, J. (1995). The Syllable in Phonological Theory. In J. A. Goldsmith (Ed.), *The Handbook of Phonological Theory* (pp. 206–244). Blackwell.
- Botne, R. (2019). Chimpoto N14. In M. Van de Velde, K. Bostoen, D. Nurse, & G. Philippson (Eds.), *The Bantu Languages* (2nd Editio, pp. 692–732). Routledge.
- Centis, G. (1985). *Método Macua*. Centro Catequético Paulo VI.
- Collischonn, G., & Schwindt, L. C. (2003). Teoria da Otimalidade em Fonologia: rediscutindo conceitos. In D. Da Hora & G. Collischonn (Eds.), *Teoria Linguística: fonologia e outros temas* (pp. 17–50). Editora Universitária/UFPB.
- Federico, M., Bertoldi, N., Cettolo, M., Negri, M., Turchi, M., Trombetti, M., Cattelan, A., Farina, A., Lupinetti, D., Martines, A., Massidda, A., Schwenk, H., Barrault, L., Blain, F., Koehn, P., Buck, C., & Germann, U. (2014). The MateCat Tool. *COLING 2014 - 25th International Conference on Computational Linguistics, Proceedings of the Conference System Demonstrations*, 7(287688), 129–132.
- Freitas, M. J., & Santos, A. L. (2009). *Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna* (2ª Edição). Edições Calibri e Associação de Professores.
- Genouvrier, E., & Peytard, J. (1974). *Linguística e Ensino do Português*. Livraria Almedina.
- Gonçalves, P. (2012). Contacto de línguas em Moçambique: algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu na formação de um novo léxico do português. In T. Lobo, Z. Carneiro, J. Soledade, A. Almeida, & S. Ribeiro (Eds.), *ROSAE - Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias* (pp. 401–405). EDUFBA.
- Guthrie, M. (1967). *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics*

- and prehistory of the Bantu languages*. Gregg International.
- Hagemeijer, T. (2016). O português em contacto em África. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 43–67). De Gruyter.
- Hyman, L. M. (1985). A Theory of Phonological Weight. In *Language* (Vol. 62, Issue 3). Foris. <https://doi.org/10.2307/415484>
- Hyman, L. M., & Katamba, F. X. (1999). The syllable in Luganda phonology and morphology. In H. van der Hulst & N. Ritter (Eds.), *The Syllable: Views and Facts* (pp. 349–416). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110806793.349>
- Hyman, L. M., & Mtenje, A. (1999). Prosodic Morphology and tone: the case of Chichewa. In R. Kager, H. van der Hulst, & W. Zonneveld (Eds.), *The Prosody-Morphology Interface* (pp. 90–133). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511627729.005>
- INE. (2019). *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: resultados definitivos Moçambique*. Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2023). *Padrão Linguístico em Moçambique*. Instituto Nacional de Estatística.
- Júnior, R. B. (2022). Uma abordagem fonético-fonológica das vogais nasais do Português de Moçambique. In H. N. Dias & I. E. Taela (Eds.), *Português Moçambicano I* (pp. 118–126). Alcance Editores.
- Kisseberth, C. W. (2003). Makhuwa (P30). In D. Nurse & G. Philippson (Eds.), *The Bantu Languages* (pp. 546–565). Routledge.
- Kisseberth, C. W., & Cassimjee, F. (2009). *The Emakhuwa Lexicon Exemplified*.
- Kisseberth, C. W., & Guérois, R. (2014). Melodic H tones in Emakhuwa and Ecuwabo verbs. *Africana Linguistica*, 20, 181–205. <https://doi.org/10.3406/aflin.2014.1030>
- Kröger, O. (2005). Report on a Survey of Coastal Makua Dialects. In *SIL International*. <http://www.sil.org/silesr/abstract.asp?ref=2005-020>
- Kröger, O. (2006). *Algumas notas gramaticais sobre a língua Emakhuwa*. Sociedade Internacional de Linguística.
- Lindonde, L. M. (2021). A Questão de Escolha Linguística em Ambientes Domésticos num Contexto Multilingue de Moçambique. *Alfa*, 65, 1–17. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/1981-5794-e12448>
- Machungo, I. (2022). Empréstimos lexicais no Português de Moçambique. In E. A. C. Nhampoca & L. C. Ponso (Eds.), *Pesquisa e ensino em línguas moçambicanas: um tributo a Bento Siteo* (pp. 100–113). Gala-Gala Edições.
- Malmberg, B. (1993). A fonética: teoria e aplicações. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 25, 7–24.
- Mateus, M. H. M., & D’Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford University Press.
- Mateus, M. H. M., Frota, S., & Vigário, M. (2003). Prosódia. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (7ª Edição, pp. 1035–1076). Caminho.

- McCarthy, J. J. (1993). A Case of Surface Constraint Violation. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique*, 38(2), 169–195. <https://doi.org/10.1017/s0008413100014730>
- Mendes, I. (2012). Empréstimos no Português de Moçambique. *DEBATES*, 12, 1–17.
- Moraes, J. A., & Wetzels, W. L. (1992). Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 153–166.
- Mota, M. A., & Bacelar do Nascimento, M. F. (2001). Le portugais dans ses variétés. *Revue Belge de Philologie et d'histoire*, 79(3), 931–952. <https://doi.org/10.3406/rbph.2001.4554>
- Mtenje, A. (2007). On Recent Trends in Phonology: Vowel Sequences in Bantu Languages. *SOAS Working Papers in Linguistics*, 15, 33–48.
- Ngunga, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu* (2ª Edição). Imprensa Universitária/UEM.
- Ngunga, A., Manuel, C., Langa, D., Machungo, I., & Câmara, C. L. da. (2022). *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do IV Seminário*. Imprensa Universitária/UEM.
- Prata, A. P. (1990). *Dicionário Macua-Portugues*. Instituto de Investigação Tropical.
- Prince, A., & Smolensky, P. (1993). *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Rutgers University. <https://doi.org/10.1002/9780470756171.ch1>
- Schwindt, L. (2024). Sílabas. In *Speech Sciences Entries*. Speech Prosody Studies Group. <https://gepf.falar.org/entries/55>
- van der Hulst, H., & Smith, N. (1982). An Overview of Autosegmental and Metrical Phonology. In H. van der Hulst & N. Smith (Eds.), *The structure of Phonological Representations. Part I* (pp. 1–45). Foris. <https://doi.org/10.1515/9783112328088-002>
- van der Wal, J. (2009). *Word order and information structure in Makhuwa-Enahara*. (Ph.D Thesis). Leiden University.
- Veloso, J. (2006). Reavaliando o Estatuto Silábico das Sequências Obstruinte + Lateral em Português Europeu. *D.E.L.T.A: Documentação de Estudos Em Linguística Teórica e Aplicada*, 22(1), 127–158.
- Victorino, A. (1995). *Estudo Comparativo Fonológico das Variantes do Emakhuwa: Implicações Ortográficas*. (Monografia de Licenciatura). Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane.
- Vigário, M., Martins, F., & Frota, S. (2006). A Ferramenta FreP e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português. In J. Barbosa & F. Oliveira (Eds.), *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto 2005)* (pp. 675–687). Colibri.
- Yip, M. (1993). Cantonese loanword phonology and Optimality Theory. *Journal of East Asian Linguistics*, 2(3), 261–291. <https://doi.org/10.1007/BF01739135>